



Gaiato



Quinzenário

14 de Janeiro de 1989

Ano XLV - N.º 1170 - Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Americo

HABITAÇÃO — problema primeiro

«Vale mais prevenir do que remediar» — eis a sentença que a sabedoria do Povo concebeu e imediatamente me ocorre ao ler mais uma notícia sobre «clandestinos», esta referente a Gaia onde a magnitude do problema exigiu a criação de um Gabinete de Recuperação de Clandestinos (GRC) que funciona exclusivamente para as áreas de habitação desta sorte que infestam todo o concelho.

Interessante e louvável, porque revela sentido de justiça, a designação de «informal» preferida a «clandestina», pela «carga algo pejorativa e penalizadora desta expressão para os habitantes daquelas áreas, os quais tiveram que recorrer a este tipo de habitação por razões económicas».

Na verdade, a construção clandestina é filha da ausência de uma política de habitação realista que respeite e valorize todos os esforços individuais para diminuir o enorme défice de habitação que aflige o país inteiro; e os facilite e os promova. O que tem sido e vem sendo é o contrário. Quem se propuser construir «formalmente» (para usar a delicada nomenclatura da Câmara de Gaia), vê-se limitado por uma lei de solos obsoleta e embaraçada numa teia de exigências burocráticas que lhe tornam o objectivo extremamente difícil e o desmotivam. A alternativa é a clandestinidade. Mas tal como Pai Américo dizia dos filhos de pai incógnito, que «não são eles os ilegítimos, mas sim os pais», também neste caso há lugar para a dúvida sobre quem mais justamente cairá o qualificativo de ilegal: se o cidadão que não tem saída, se o legislador que não a abre.

E afinal, depois, a Autoridade que não providenciou a tempo, sempre tem de debruçar-se sobre os problemas criados — e por que preço! A existência deste

Gabinete de Recuperação é a prova. Não seria muito mais inteligente que cada Câmara tivesse um Gabinete, sim, mas para dialogar antecipadamente com as suas populações carenciadas de habitação e limitadas por fracos recursos económicos, que as orientasse e lhes abrisse caminhos, do que tê-lo para depois endireitar o que nasceu torto e «tarde ou nunca se endireitará?»

Só no concelho de Gaia «estão envolvidas neste processo cerca de dez mil pessoas», o que equivale a duas mil famílias, ou sejam outras tantas habitações.

E o que dizer de áreas como a da escarpa da Serra do Pilar que, «pelas suas evidentes implicações paisagísticas, diz respeito não só aos seus moradores como a todo o concelho e até a toda a região?»

Aqui não se trata de uma moradia de veraneio, em regra segunda quando não mesmo terceira habitação, que, embora custe, é condenada sem apelo à demolição, como tem acontecido ao longo da nossa costa atlântica. Por isso «é princípio básico do G. R. C. só proceder a uma demolição depois de ter estabelecido o local onde se irá realojar a família em causa e o modo como tal se processará». Está certo. Mas tal não invalida o que representa de gravoso para a economia colectiva a inutilização do investimento feito na casa demolida e a repetição de custos com o novo alojamento — custos estes que são, em regra, suportados pelas Associações de Proprietários, pelas Associações de Moradores e pela Câmara Municipal.

Por isso que esta operação de conserto vai afectar muitos, porque se trata de um problema social ainda mais complexo do que era, inicialmente, o da família carente de habitação, os remédios têm de ser procurados no diálogo, pois «só com uma cooperação activa

entre as partes envolvidas se poderão encontrar as soluções pretendidas, evitando ao mesmo tempo situações de conflito».

Se «depois da casa roubada» sempre se compram «trancas para a porta», porque não há-de haver —repite— em cada Câmara um Serviço, o mais possível desburo-

cratizado, para escutar e aconselhar e assistir os seus munícipes mais pobres, aflitos com o seu problema de habitação mas capazes de esforço próprio para resolvê-lo?

Em termos sociais e económicos seria muito mais barato!

Padre Carlos

NOTAS DA QUINZENA

1 Naquele tempo, o sementeiro saiu a lançar a semente à terra... Hoje venho imitá-lo: O campo está preparado; a semente, do mesmo modo. É preciso lançá-la. Explico: — Nestes últimos dias, os mais pequenos não têm largado o escritório onde trabalham. Gostaram sempre de fazer-lhe uma visita, a dar um recado, ao seu jeito; a receber uma palavra de carinho ou na mira de apanhar um rebuçado ou um pauzinho de chocolate. É assim numa família, onde há alguma desorganização, não é verdade? Nos últimos tempos, porém, tem sido demais. Procuo uma explicação e não vejo outra que não seja a falta dos braços de Mulher, mãe que lhes dê o que procuram. É admirável o esforço daquelas que, ao longo dos anos, se foram gastando e se vão queimando até ao fim. Só quem não conhece poderá resistir a tão grande desafio.

Ontem, à noite, passei pela casa dos chamados médios, à hora do deitar. Muitos deles pouco mais são ainda do que bebês, só mais velhos em idade e crescidos no corpo. Que as carências e necessidades são quase as mesmas. Querem falar e precisam de quem os escute. E mais, mais e muito mais. Experimentei. Falo-vos do que vi e ouvi.

A noite estava gelada. Lá, no cantinho do quarto, o Delfim. Meses atrás, vivia numa barraca, no meio do pinhal. Agora, na sua cama, feita na véspera, com lençóis lavados e aquecida por cobertores fofinhos. Segurei as lágrimas e deixei meu coração bater forte. Não chega...

Ao entrar no escritório, o telefone tocava. Do outro lado, uma voz dizia:

— **Tenho o meu coração partido, porque não posso viver tranquila em minha casa, depois de passar estes dias aí.**

— Que o coração se abra, sim, respondi. O resto virá por acréscimo. E há-de vir. Não foi coincidência. O Pai está atento.

Se a terra é boa, profunda e bem preparada, há-de acolher a semente e dar a resposta ao Sementeiro. É que o campo está como o passarinho: de bico aberto, à espera...

Cont. na 2.ª página

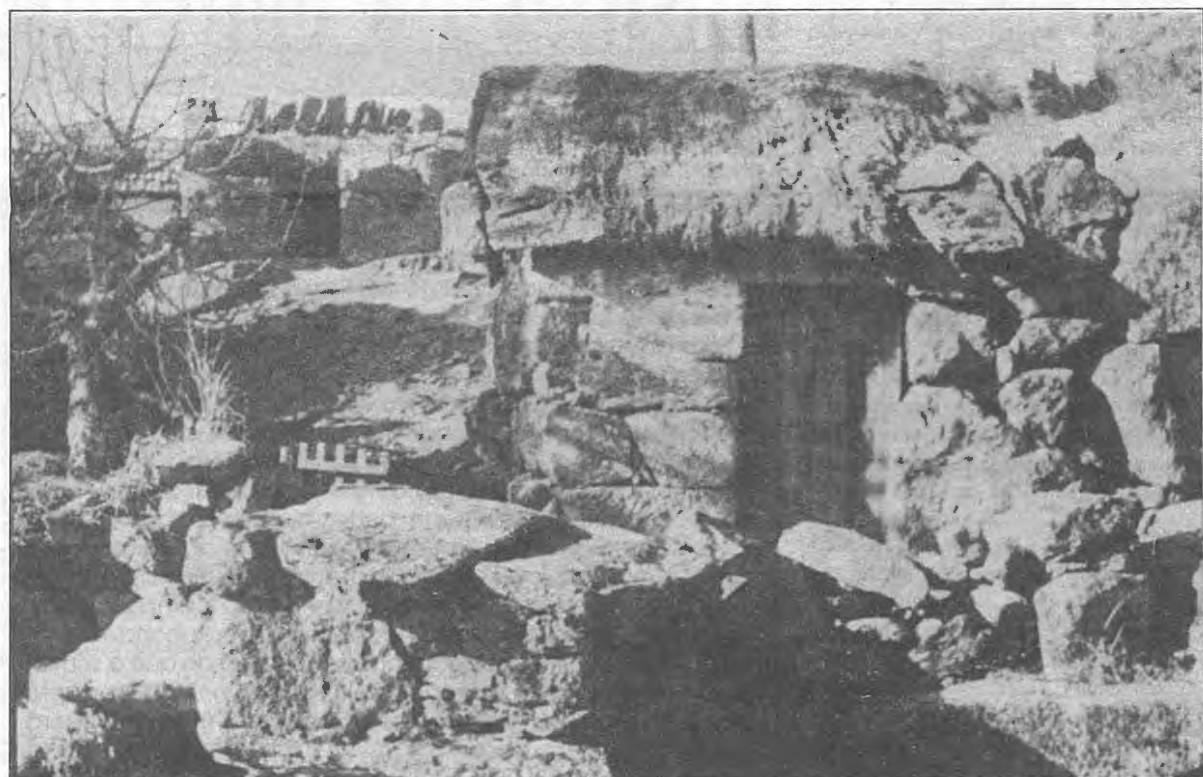
SETÚBAL

Ainda não terminou o ano — o jornal é escrito com um avanço de 20 dias — mas quero dar uma panorâmica do que o Natal nos trouxe.

Ecos de simpatia, comunhão e ajuda chegaram de toda a parte, mas um deles evidenciou-se especialmente. Gostaria de o trazer à sensibilidade do leitor através de fotografia, com os erros ortográficos e gramaticais que só lhe dão valor.

«Sou assinante do Gaiato que leio com muita atenção i vejo que em Setúbal também á muita miséria i impurtancia (.). O caso da Senhora Edite fês-me arrepiar pois também já me vi na rua com o meu filho num buraco, sem ter para onde ir (.). Acompanho essa pobre mulher e mãe na sua dor (.). eu moro numa barraca, mas é um tecto i graças a Deus não estou na rua (.). sou deficiente motora (.). Vivo só pois o meu único filho ficou na Guerra da África (.). sou reformada por invalidês mas vou repartir com muito amor as minhas buroas com a Senhora Edite (.). envio 10 mil escudos para ela e o filho que aplico por alma do meu filho.»

Cont. na 4.ª página



Quantas famílias assim alojadas, pelo País fora, ansiosas por moradias condignas!

PELAS CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

• Ele, gestor de pequena empresa, no meio rural, acompanhava um grupo motivador numa partilha de solidariedade social. Gente simples. Trabalhadores. Mãos caídas: Alguns, de face enrugada. Outros, chegavam da labuta no grande Porto, cansados. Mas alegres pelo Bem que resulta em proveito das populações; do Homem sem distinção de classes, raça, cor, ideologia. Fraternidade cristã!

Largámos tudo e, num canto da sala, enquanto alguns bebem a sua bica, outros fumam um cigarrinho, o empresário desfia: «Sou catequista. Não posso fazer mais...» E faz! A esposa é recoveira dos Pobres. «Servimos todos os carenciados da freguesia, em muita coisa...» Marca o espírito de serviço, a nível de casal, firme na convicção, situado no tempo: «Hoje, os problemas dos Pobres são muito complicados! Por lá (na paróquia), há casos difíceis que não transparecem — e não revelamos intencionalmente. Seja por doença, desemprego, faltas d'habitação ou... baixos salários».

Cada freguesia cuide dos seus Pobres!

Por fim, damos conta de que, a nosso lado, olhos arregalados, estava gente ouvindo o nosso Amigo, pequeno de estatura, mas d'alma grande, testemunhando a sua Fé, no amor aos Outros, pelo Nascimento de Cristo!

PARTILHA — Na quadra festiva muita gente se lembrou dos nossos Pobres e, também, da moradia em reparação. Graças a Deus!

Assinante 9811, da Maia, mil: Cheque da Avenida Fernão Magalhães, Porto. Outro, da assinante 26724, de Cantanhede. Alice, do Porto, remanescente de contas. Assinante 2984, de Rio Tinto, 500\$00. Cheque, de Ermesinde. «Pequenina gota» da Rua Castro Matoso, Coimbra. Assinante 9822, vicentina presa a «um grande ideal que sempre nos domina», acode a uma aflição publicada, recentemente. Assinante 21319, de Guimarães: «Basta citar o número da assinatura». Vale de correio, de Maria de Lourdes, pedindo respeitamos «o anonimato». Quantas Marias de Lourdes há no País?

«Manel de Braga» triste com a perda da filha, mas presente com a partilha destinada às Viúvas. 500\$00 da assinante 26578, do Porto. O dobro, do Luso, com a amizade de sempre. O mesmo, de Braga. Aquela senhora que por aqui passa, num jacto, deixa dois contos «em acção de graças pelo Nascimento de Jesus» e mais 500\$00 numa amiga. Assinante 17022, 500\$00. Dez vezes mais, pela mão de Marília, «para colaborar na festa dos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Um cheque, de Vila Nova de Foz Côa. O costume, do Fundão, celebrando o Natal. «Eu-e-Ela» retornam com um forte abraço, que retribuimos. Assinante 14802 sublinha que o «contributo sirva para minorar o sofrimento dos Pobres». Amor cristão!

Assinante 27527, de Viseu, presente. Sobijos da assinante 14800, de Ermesinde. Remessa habitual da assinante 11162. Nove mil, do casal-assinante 21670 — Porto. Um conto mais — «para ajudar a melhorar um pouquinho a ceia do Natal» — pela mão da assinante 10068, também da Invicta. O «pequeno contributo, referente ao 2.º semestre», da assinante 20856 — Espinho. Outro resto de contas com O GAIATO, de Peniche. Assinante 13329, do Porto, onze contos partilhados com a irmã. «Um pequeno donativo» da assinante 35019, «a fim de abrilhantar o Natal dos Pobres».

Minde, cinco mil da assinante 14708. O mesmo, dos assinantes 8004 e 25219. O dobro, de «Uma Alentejana, por alma dos meus queridos mortos». Nestas quadras é tão salutar recordar os progenitores!

Santa Cruz do Douro, mil escudos. O dobro, do assinante 26046, de Vila Real. «Uma pequena vela (deixada no Espelho da Moda) para dar um pouco de Luz ao Natal dos Pobres». Rica Oração! 1.250\$00 da assinante 8047. O dobro, do assinante 10458. Remessa habitual da assinante 31104: «Peço que rezem por aquela que foi condenada a todos perder e não tem a perfeição de saber aceitar, vivendo com a alma sempre ferida». Deus escuta o desabafo e nós erguemos a alma ao Senhor.

Mil, de Penalva do Castelo. Uma «migalhinha» da assinante 9425. Dois mil, para «a consoada de uma Viúva pobre», enviados pela assinante 34220 — e mãe. Metade, da assinante 4023. Presença amiga dum velho condiscípulo da Escola Comercial Mouzinho da Silveira (Porto). Dez contos, da assinante 26271, do Porto, que não desejava «que o ano de 1988 terminasse sem ter as contas em dia» — com os Pobres. Muito bem! Cheque do assinante 7396, em resposta a um problema referido numa das últimas edições. Sobras de contas, da assinante 49647. Mais 500\$00 da assinante 7769. O dobro, da assinante 26302, do Porto. Mais um cheque, de Fafe, expedido pela assinante 13109.

Retribuimos os votos da quadra festiva e expressamos o muito obrigado dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

TOJAL

NATAL — A palavra que os novos mais gostam! Para eles, este é um dia de receber prendas, amor e carinho dos mais velhos. Ainda é cedo para compreenderem o verdadeiro sentido do Natal...

Muita gente, que já não é miúda, pensa também que o Natal é o curto espaço de tempo em que se param as guerras e três dias depois desatam aos tiros... Outros, reúnem com a família, oferecem prendas e, no momento em que Jesus nasce, fazem a ceia. Com tudo isto parece que se esqueceram do sentido da palavra Natal, dia em que celebramos o Nascimento de Jesus e vamos com a família toda à Missa do Galo. Aqui, particularmente, se situa quase todo o sentido do Natal, concretizado na doação aos Outros, de corpo e alma, a quem mais necessite: ao velhinho, ao jovem; acolher quem não tem tecto; partilhar o pouco ou muito que se possui. Gestos muito simples, que se tornam difíceis. Jesus veio ao mundo para dar de comer a quem tem fome, dar de vestir a quem não tem roupa, dar tecto aos sem abrigo...

Se o Natal fosse um dia, o mundo viveria «um dia» em paz e harmonia.

ESCOLAS — Terminou o primeiro período de aulas. As notas do Ciclo e da Secundária têm baixado... Não vamos desiludir, mas tentar, no próximo período, melhores resultados para corresponder às oportunidades que nos dão.

CAPELA — Dia após dia a construção vai progredindo com êxito. Qualquer dia, se Deus quiser, teremos a obra pronta, graças ao apoio dos nossos leitores que talvez não saibam o nome da Capela. Ficará sob a protecção da Imaculada Conceição.

Hélio dos Santos Alves Soeiro

DESPORTO — Dia 24 de Dezembro convivemos com os nossos antigos Gaia-

tos. Jogámos uma partida de futebol e perdíamos, na primeira parte, por 3-0. Mas, na segunda, conseguimos dar a volta ao jogo e empatámos 3-3.

Aproveitamos para convidar alguns dos nossos leitores que queiram trazer cá uma equipa para nos desafiar. Podem ser jogadores de todas as idades. Também, equipas de futebol de salão.

AGRADECIMENTO — Na edição de 19 de Novembro fizemos um pedido, logo satisfeito: uma televisão a cores. Os miúdos quando a viram nem barulho fizeram! Obrigado. Bem haja.

OFERTAS — Para além da televisão recebemos muitas provas de amizade, pelo correio ou pessoalmente: Bolos-rei, roupas, brinquedos e muitas outras coisas que tornaram possível uma festa de Natal com amor, carinho e muita Paz.

Ángelo Duarte Félix Ferreira

PAÇO DE SOUSA

ANO NOVO — É costume, na passagem de Ano, alguns rapazes visitarem os seus familiares. Cá em Casa foi uma festa bem passada. O prato típico do dia: Farraço velho. Uma Festa!

CARRINHAS NOVAS — A velhinha «OM» foi substituída por uma «Nissan». A «Peugeot», por outra «Peugeot».

Os nossos veículos tiveram uma vida bem dilatada: A «OM», 15 anos; a «Peugeot», 10. Portanto, era preciso mesmo substituí-las. Ficamos todos contentes.

DESPORTO — O Antero, responsável pelo Grupo Desportivo, pede aos leitores interessados em estabelecer connosco convívios desportivos, que nos contactem por escrito.

Aproveitando o início de um novo ano, enviamos saudações desportivas a todos as equipas que já nos visitaram e a possíveis futuros adversários.

Lourenço

MIRANDA DO CORVO

NATAL — Af vão mais alguns pormenores do nosso Natal: Hoje, dia 26 de Dezembro, levantámo-nos às oito horas da manhã. Às oito e trinta rezámos a oração e tomámos o pequeno-almoço, que os dois cozinheiros prepararam.

Os do gado tiraram o leite. Os da sala de costura, as roupas das camaratas que serviram no Natal, para as lavadeiras. Os da copa, lavaram a loiça; e os do refeitório arrumaram tudo para o almoço.

Para as oficinas seguiram os da serralharia, carpintaria e tipografia.

Um grupo limpou o pinhal. Outro, o olival do «Ti Russo», que lentamente refloresce.

Os miúdos varreram as ruas. Outros, fizeram vários trabalhos: arrumaram o salão que ontem serviu para a festa. Um dos mais pequeninos, quando se levantou, ainda perguntou se era para ensaiar!

FUTEBOL — Jogámos em Castelo Branco, em 17 de Dezembro, com o grupo que cá tinha vindo. Resultado negativo: Perdemos por 3 bolas a uma.

Hoje, no recreio, no fim do almoço e como sempre, a bola movimentou mais de onze rapazes de cada parte. Um reboliço de pés na bola, no ar e nas canelas. Deu muitas discussões!

Guido

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Quem pergunta a razão de estar só e vazio de tudo, menos de sofrimento e distância, enche-se de desconfiança quanto aos seus méritos para ter amigos, ao seu direito à vida e às suas forças para descobrir a solidez do dedo de Deus na fragilidade e confusão da vida.

Chama-se Floripes. 21 anos, mãe de uma filha com apenas 12 meses. Rasgou a vida que tinha e foi, para fugir daquele que a obrigava a fazer «mau uso do seu corpo» para o sustentar.

Está em Espanha. Dele, guarda a recordação amarga que sente a crescer na barriga.

Aqui, deixou o pai — recém-saído de uma tuberculose e sem emprego certo; a mãe — que gasta pelo não ter, é persistente no «alimentar» a família com 500\$00 ganhos sobre os joelhos doentes, proibida pela médica, a esfregar soalhos; dois irmãos — a quem a idade não basta para trabalhar e que a vida exige para se manter. Deixou a Andrea, a filha, a reclamar o calor e cuidados especiais que lhe apagassem a tristeza do olhar e as olheiras fundas. A avó não ignora os cuidados. Fala do leite e dumas papinhas apropriadas. Mas não pode. Não há dinheiro. São os livros que não se compram — o Armando, 11 anos, olhos de azul lindo e perturbador, não vai mais às aulas... É a comida! Às vezes, vão mais cedo para a cama porque não há que comer! As prateleiras estão vazias.

Na casa gasta, a um canto, a água escorre e desenha a parede. Está lá, na rua Sousa Viterbo.

«A Floripes telefonou e diz que está grávida e os olhos turvam-se. Diz que vai dar o bebé. Meu Deus! Eu isso não queria. Mas que posso eu fazer?»

As palavras são-me pobres para responder. Penso apenas na minha impotência, que a vida é-nos doada e é doando-a que a merecemos. Que Deus nos perdoe pelo tempo desperdiçado, quando enrolados nos nossos «problemas».

COMUNHÃO — A mãe e as gémeas da rua da Bandeirinha semearam inquietação.

Não raro, a grandeza de um gesto que se diz «pequenino», verga-nos, para dele colhermos frutos de lição: «500\$00 para ajudar a mãe da rua da Bandeirinha», «estive desempregado durante 15 meses

e, precisamente no dia em que voltei a conseguir colocação, chegou ao meu conhecimento essa horrível situação». E pede, por duas vezes, desculpa pelo «insignificante valor».

Outros, foram também sensíveis: 10.000\$00 para o leite, de um anónimo. 10.000\$00 do assinante 26271: «Se eu pudesse ajudar-vos em todos os casos que apresentais, ficaria feliz». 1.000\$00 de um anónimo. 5.000\$00, de Maria José, «para a mãe das gémeas e para a casa de Miragaia». 2.000\$00, «para a Teresa e seus filhos», de Isabel Maria. 50.000\$00 de Armandina Ferreira, a distribuir também pela casa de Miragaia. 1.000\$00 «para os Pobres que mais necessitam», de uma doente. Do assinante 19177, 1.000\$00. 5.500\$00, mais algumas roupas, anónimos. De uma anónima, chegaram peças de roupa e «votos de bom Natal e Ano Novo cheio de saúde, Paz e Amor». 1.000\$00 de Maria Aliete. 20.000\$00 de um antigo gaiato. 50.000\$00 de Marília Dias: «Gostaria que fossem distribuídos de preferência por pessoas idosas e sem família». Tem as suas razões. 1.000\$00 e um cobertor «que não é bonito, só penso que é quente». Quem o diz foi quem o fez e não quer mostrar as mãos. 1.000\$00, lençóis e cobertores, anónimos. 7.600\$00 da Companhia de Seguros Império e Quimigal. 5.000\$00 de um anónimo.

Há quem, por si só e pela frequência da doação, pareça apostado, em anonimato, a fazer o telhado: «3.000\$00 para ajudar com uma telha, à concretização do sonho de dar uma casa à família de Miragaia». Outra telha, sem nome: 10.000\$00.

No jornal anterior foi o silêncio. O culpado sou eu. Peço desculpa. Mas a promessa continua de pé: Fazermos os possíveis para estarmos mais vezes presentes. «É a fome e o frio que metem a lebre ao caminho.» Eles precisam que assim façamos.

A companhia dos que conosco caminham, desafia a olhar para os desastres íntimos do nosso narcisismo teimoso e desvenda-nos o Caminho da Vida. Bem hajam.

P. S. — Alguém nos advertiu da necessidade de publicarmos a nossa direcção, sob pena de cortarmos a veia da comunicação. Obrigados. Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Pereira

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª página

2 Outro dia, noutra manhã, à hora do pequeno-almoço, a mulher que, dantes, vinha pedir, envergonhada, agora, com outra cara, vem retribuir... São assim os de coração pobre.

— Não preciso que me dêem. Passo por aqui, para vos ver e matar saudades.

Era aquela Pobre, muito falada n'O GAIATO, com um rancho de filhos, alguns deficientes. Eles estão vivos. Ela, também. Só o marido é que não. Por isso vem de xaille preto a cobrir os ombros e de lenço da mesma cor, na cabeça.

«Agora, parece uma rainha!», como tão bem gosta de dizer o Júlio Mendes, quando fala dela e recebe a sua visita. É que ele acompanhou, muito de perto, a história desta família. Faltava-lhe o pão, a mercearia prós filhos e, agora, chega — como nunca deixou de chegar o Amor que lhes tinha.

Tudo isto, porquê? O sementeador saiu para o Campo a lançar a semente... Colherá em seus dias? Não sabe. Importa semear. Esperança. Confiança. Compromisso. Cerzeza de que a sementeira não é em vão, quando é feita com amor. Na hora própria. Sem pressas, mas sem medo também, o fruto aparecerá.

Padre Manuel António

DOCTRINA



A caridade mais o sol onde quer que penetrem, fazem brotar flores.

• Esta Sopa dos Pobres há-de ser, até ao fim, na sua linguagem e na sua vida, uma sequência viva do Evangelho; e, por isso mesmo, porque ela é propositadamente feita para o bem das almas, quero aqui deixar um dos seus mais belos episódios.

• Era em uma cadeia do distrito de Coimbra. Os Reclusos, silenciosos e reverentes, ouviam a Boa Nova na penumbra da sala exterior, alinhados em bancos de pinho. No último dia preparou-se o altar para a Acção do Homem-Deus. Um grande crucifixo levanta-se num monte de flores, banhado, àquela hora, na luz do sol-poente. Os Presos saem das celas. Tinham ouvido o pregão da Misericórdia Eterna na palavra consoladora do «se o teu pecado for negro como o carvão, Eu fá-lo-ei como a neve pelo teu arrependimento». Já sabiam que na Sentença do Justo Juiz merece muito mais o arrependimento de Madalena do que a fidelidade de Susana; estavam já informados da Obra redentora de Jesus Crucificado, operada por Ele, para eles, que assim se lhes ensinou; e, agora, à maneira que vão dando com os olhos no crucifixo, caem todos de joelhos, mãos postas, a rezar e a chorar!

• Ai! que se tu visses, também havias de chorar lágrimas irmãs das deles; e sentir a Palavra viva e aliciente de Jesus, *Seducto ille*, no encontro com Nicodemos: «É preciso que o Filho do Homem Se levante na Cruz, para que todos O possam ver e acreditar e salvar-se».

• O carcereiro vai fechar as portas. Os condenados, alguns a pena maior, estão agora melhor informados da missão de bem restituir: a quem honra, honra; a quem objecto, objecto; a quem vida, vida. Como? Oferecendo a própria pela que tirou, em holocausto penitente.

P. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)

Livros de Pai Américo

«Há anos que vocês, religiosamente, me encaminham cada livro por vós editado. Há anos que eu, estupidamente, os vou amontoando dentro de um armário, sem os ler. A desculpa esfarrapada que dava para mim mesma, é que era muito ocupada... gostaria de ter tempo... mas não tinha. O Famoso eu sempre leio, mas os livros...

Deus, porém, em Sua infinita Misericórdia — e Pai Américo também — não me abandonaram, apesar do meu desprezível comodismo.

Por isso, um dia fui incumbida de proferir uma palestra sobre uma obra social da cidade, da qual não participo activamente mas conheço bem. Lembrei-me desse tesouro incalculável que tinha abafado num armário. Busquei um livro, à sorte — Notas da Quinzena. Pensei: — Talvez aqui encontre inspiração. Comecei a ler. Uma febre me invadiu. Queria largar o livro e não conseguia. Parecia feitiço (perdoem a expressão). Era um domingo de tarde. Na televisão os programas sucediam-se, a família por perto, mas eu não via nem escutava nada, só lia. As lágrimas corriam pelo rosto, mas eu não sentia. O coração batia, eu me deslumbrava. O amor crescia dentro de mim e eu me sentia capaz de enfrentar o mundo e tudo consertar. Enfim, as sensações foram tantas que não

há palavras para descrevê-las.

Após este dia de êxtase, preparei a palestra, só que minhas palavras foram poucas. Apenas uma pequena introdução para situar os assistentes sobre o que é a Obra da Rua e seu Fundador. Depois, limitei-me a ler, com o livro nas mãos, as palavras escritas por nosso santo. O silêncio era total. Quando passava, rapidamente, os olhos pela assembleia, via lágrimas correndo em todos os rostos. Ao final, ribombaram os aplausos que, evidentemente, não eram para mim, mas para Pai Américo. Foi ele que falou. Porque no Brasil vivo, foi a brasileiros que falei. Eles não conheciam a Obra da Rua. Me inquiriram sobre tal. Eu, por arauto, fui transmitindo o que sabia. Todos se espantaram.

Desde aí tenho lido todo o tesouro; de todas as jóias não sei qual a mais valiosa. Uma coisa eu sei: de todas tiro ensinamentos, beleza, doutrina, eu sei lá...!

Isto vos conto, porque haveis de gostar de saber que a sementeira dá frutos, mesmo através desta indigna e relapsa, que deixou debaixo da mesa a Luz que lhe deram. Mas nunca é tarde para começar. A Luz está iluminando corações que, como o meu, estavam nas trevas.

Que Deus vos abençoe e que a mão de Pai Américo perma-

neça sobre nossas cabeças.

Faço questão de assinar, por inteiro, este testemunho, para que todos conheçam aquela que desprezou a riqueza que lhe foi dada, por muito tempo, mas que, por graça de Deus, não morreu sem a conhecer e a dar a conhecer.

Assinante 24019»

Pão dos Pobres (quatro volumes; o 2.º, esgotado); Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (dois volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (três volumes); Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA DOS GAIATOS

Uma boa notícia: No dia 23 de Dezembro foi constituída, oficialmente, por escritura lavrada no segundo Cartório Notarial de Santa Maria da Feira, a *Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos, C. R. L.*

Compareceram no acto, como outorgantes, Carlos Rebelo Gonçalves, José Eduardo Gonçalves Moreira Lopes e Fernando Marques. Declararam o objectivo da Cooperativa e «que se regerá pelos estatutos constantes do documento complementar, elaborado nos termos do artigo 78.º do Código do Notariado»; tendo exibido, ainda, o «certificado de admissibilidade da denominação adoptada, emitido em 15/12/88, pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas».

Enfim, a Cooperativa já tem personalidade jurídica! Boa nova para os antigos Gaiatos de todo o País.

Carlos Gonçalves

CANTINHO DAS SENHORAS

Vivemos a grande festa de Natal. Tudo mexe, aqui, em Casa.

Sento-me no quarto dos pequeninos para pensar em tanta coisa que vive dentro de nós, abatida com o chichi e o cócó que tem sido uma constante, mas que nos últimos tempos me tem angustiado um pouco.

As crianças andam dispersas pela Casa. Terminou, há pouco, o jantar. O Ricardo chora. Tem frio. Alguns, com quem costume estar, a esta hora, ensaiam. Escuto, a ver se preciso voltar lá abaixo, casp o menino continue a chorar. De repente, entra o «Vitó», de Ricardo ao colo. Pousa-o no chão. Não diz uma palavra. Sai porta fora, a olhar-me com uma satisfação de quem tinha encontrado um tesouro e vinha entregá-lo para que lhe não acontecesse algum mal. O «Vitó» é assim! Está sempre atento aos pequeninos. Tem a obrigação da limpeza da casa-mãe. É de poucas falas, mas com expressão de quem anda feliz (quando anda), aqui, no seu trabalho, de manhã, antes de ir para a escola. Sacrifica muitos recreios para ajudar a tratar dos pequeninos e do arranjo dos quartos e casas de banho. Gosta de embelezar a Casa com os brinquedos e florir as janelas.

A expressão do «Vitó» é de sorriso, sempre, no trabalho dos pequeninos. Mas, há dias, ficou zangado comigo por lhe dizer que não pode sair da mesa antes de terminar a refeição porque, às vezes, há avisos importantes para todos. A intenção é ajudar.

Bálsamo muito suave, este seu gesto. Pois o menino, não diz nada nem espera por nada. Mando-o esperar e que dê um beijinho e rebuçados ao Ricardo. Não é cireneu; o «Vitó» é «mãezinha» para mim e para os pequeninos!

Aqui fica um recado do «Vitó»: Vigiar os mais pequeninos — qual *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes!* Assim pratica o lema deixado por Pai Américo.

Estamos na época de Natal. Sinto que o «Vitó», há dias, se sente, aqui, como se de um presépio se tratasse! Ele tem sido, para mim, a maior prenda — lição e mensagem de Natal. Não me apetece olhar para figuras de barro... Já por duas vezes fui para armar o presépio pequenino. Eles esperam-no. Mas não me apetece! O Menino Jesus são eles. *Meninos Jesus a sério!* Presépio Vivo, o mais vivo que os meus olhos já contemplaram!

Isaura (Setúbal)

MAIS UM RECADO aos Assinantes das nossas edições

O GAIATO tem quase 50.000 assinantes e exigia um serviço de ficheiro mais eficaz. Procurámo-lo nos domínios da Informática (mundo cão...!).

A Família de assinantes do Famoso e da Editorial já está na memória do computador! E, para tirarmos melhor partido da nova tecnologia, sempre que nos escrevam façam o favor de indicar o respectivo número de inscrição. Desta forma, basta o operador teclar o dito que surge logo a ficha de cada um.

Nem sempre os lapsos ou omissões são da nossa responsabilidade. Ainda agora uma senhora deixa no Espelho da Moda (Porto) esta carta anónima:

«Junto mando a importância de 5.000\$00 que se destina ao pagamento da minha assinatura e de dois livros que fizeram o favor de me mandar. O que sobrar, apliquem no que for mais necessário. Um bom Natal. Obrigada.»

Gratos pela generosidade, pelos votos da quadra. Mas, estimada Amiga, que poderemos fazer sem a mínima identificação?

As mudanças de endereço são outra questão e tem muita acuidade! Andam por lá jornais despistados e só passados alguns meses o assinante bate a mão no peito e transmite notícias.

Outro assunto: Na passagem dos ficheiros para o computador encontramos 300 assinantes com números iguais. Damos a mão à palmatória: deficiências da nossa gente. A solução é manter o mesmo número no mais antigo (em função da inscrição) e dar ao outro o mais aproximado.

Repetimos: Sempre que o leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — tenha a bondade de referir, sempre, o número da assinatura e o nome e morada em que recebe as nossas edições.

Júlio Mendes

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE LISBOA

A vida nada mais é que uma mera passagem terrena; quantas vezes tão fortuita. Mesmo assim, talvez por carisma, há quem consiga deixar enorme saudade. Foi o que aconteceu ao João Valente, o nosso «Heiga». Tão cedo partiu!

Feito homem na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, residia actualmente em Queluz, com sua esposa e filhos.

Vítima de brutal acidente de viação quando regressava do serviço, não resistiu, vindo a falecer em 26 de

Dezembro. A Associação, aliás, como toda a família de Gaiatos, está de luto: faleceu um filho da Obra da Rua, um irmão nosso. Pelo seu trato, afável e alegre, o «Heiga» conseguiu impor-se. Tudo estava bem, tudo era belo, tudo era bom! Foi um grande impulsor das Associações de Antigos Gaiatos.

Estivemos presentes na hora da despedida, deixando-lhe um beijo de obrigado.

Adeus «Heiga», até sempre!

Mário

TRIBUNA DE COIMBRA

• O Senhor Jesus foi muito rico em prendas de Natal. Depois da celebração penitencial, na qual participaram todos os nossos mais velhinhos, partimos rumo à serra até casa do Zé. Era ao anoitecer. Estava iluminada pela luz eléctrica. Anos à espera e agora ligaram a corrente. A mãe e a filha mais velha andavam a limpar a moradia. Muito contentes comunicaram a sua alegria: «*Já temos luz!*»

Levámos uma televisão. Juntaram-se na sala, a ver. Que caras sorridentes e olhos faiscantes cravados no écran! Os filhos juntaram-se à volta da mesa e, instintivamente, dançaram num mundo de felicidade. Como era véspera de Natal perguntei à mãe o que tinham para celebrar a festa. Resposta: «*Ainda não temos nada. Quando vier o pai é que se compra alguma coisa.*»

Não havia sinais de festa, só a esperança. O Zé chegaria tarde, da terra longe onde trabalha. É uma família com muitas deficiências: Sete filhos pequenos; o Jorge, de três anos, estava no hospital por ter sido mordido por um cão; a mãe, com saudades do menino.

Despedimo-nos mais felizes por ver a casa iluminada e com alguns sinais de Natal que lá deixámos.

• Visitei aquela doente em aldeia distante. Esperei muito tempo até abrirem a porta. Outras pessoas já lá tinham ido e não conseguiram entrar. O irmão trouxe a irmã numa cadeirinha a arrastar pelo chão, até à sala. Foi uma família sempre muito amiga dos gaiatos.

Ouvi as suas queixas: A doença. A desconfiança. O abandono. A idade. O isolamento. Ambiente de deserto. Saí mais pesado do que entrei. Fui instrumento de perdão e de esperança. No dia seguinte o Senhor deu-Se-lhes em alimento, o Pão do Céu para os caminheiros da Vida Eterna.

• No caminho vi alguns dos habitantes daquele Lar de idosos e doentes. Um grande número dos que andam a pé, estava à volta da lareira a rezar o Terço. Passei pelos quartos dos acamados. Havia caras de muito sofrimento. Recebi respostas que me venceram: «*Então Deus quer assim — que tenhamos nós de fazer!*»

A maior parte com cara de vidas felizes. «*Aqui não nos falta nada. Temos tudo o que nos é preciso. Até música! Ajudamo-nos uns aos outros. É o que nos vale.*»

Na cozinha preparavam-se mimos de Natal. Deliciosos! Também comi e bebi. Que sabor maravilhoso teve aquela merenda, naquele ambiente de paz!

Foram prendas de Natal.

Padre Horácio

SETÚBAL

Cont. da 1.ª página

É, de novo, a expressão mais evangélica de quem dá. Jesus Cristo «registra» espontaneamente no seu «livro de Vida» esta pureza de sentimento, esta comunhão plena, esta entrega radical.

Os discípulos perpetuaram, naquele tempo, através das gerações, pelo Evangelho, a admiração de Jesus pelo óbulo da viúva, arrancado à penúria.

O estímulo desta carta e a elevação interior que me provocou foi a melhor prenda de Natal que me lembro de receber.

Se o mundo bebesse uma parcela desta generosidade, acabaríamos, entre nós, imediatamente, com as barracas e os sem tecto.

Esta carta vale mais que todas as mensagens de Natal, que todos os discursos políticos ou religiosos. Traduz Vida. É uma denúncia profética, não só de uma infinidade de recursos e possibilidades, como põe a nu a cobardia de quem atira para cima dos outros as culpas de uma sonolência social arrepiante, culpando-se também, para se defender, mas nada dando de si para acordar os outros.

Numa cidade e numa área como Setúbal, onde tanta família vive sem espaço e sem casa, esta mulher pobre confronta-nos com um sem número de capacidades desperdiçadas.

Comentar mais, para quê? É preferível reflectir no segredo.

Nas vésperas do Natal, um dos nossos rapazes, sem carta, sem experiência e sem autorização saiu para a rua com a Peugeot nova e estampou-a desastrosamente contra um prédio velho, enevoando as festas natalícias. Não se matou por milagre.

Que ao menos lhe fique de lição.

A Câmara Municipal veio, em peso, manifestar o seu apreço pela acção da Casa do Gaiato, trazer uma lembrança a cada rapaz e oferecer os seus serviços para a urbanização e jardinagem que pretendemos realizar na entrada frontal do prédio em Algeruz e à volta do parque de recreio. Foi uma prenda de que já nos havíamos desabitado.

As senhoras que consertam a roupa, no Lar, às segundas-feiras, fizeram, outra vez, a campanha das meias e trouxeram 426 pares delas, 29 biquínis — é assim que se escreve? — e 46 lenços.

Ninguém se esqueceu dos bolos e das tortas. Tem sido comer deles, de empreitada.

O senhor dos frangos veio a horas e com eles. Trouxe um bom acompanhamento.

O do passeio enviou, pelo filho, uma caixa de bacalhau graúdo e alguém aproveitou a mesma boleia para entregar 50 contos.

À Escola Secundária do Alfeite fui buscar: roupas, mercearia e dinheiro.

Gente anónima fez de nós o seu presépio e dos gaiatos o Menino Jesus. Os assinantes regularizaram a sua assinatura com mais uma ajuda.

A Paróquia do Seixal peregrinou em autocarro até «este santuário» e deixou-nos 152.900\$00.

De Bremen, recebemos 115.847\$40. De Schwelm, 74.013\$00. De José André, 16.420\$00 e de Provincetown, 100 dólares.

Quinhentos escudos de vários lados e anonimamente. Mil, de F. Martins, todos os meses; da Deolinda, da Ana e do João, do Nuno, Fernanda, Aurora, Maria Fernanda, Odília, Madalena, Maria de Lourdes, Maria Alice, Maria Helena, antigos Gaiatos, Maria José, Margarida, José Falcão, Leonor e Maria Lília.

Mil e quinhentos, da Amadora, de Maria Natércia, Ludgero, Bárbara Teresa, Fernanda, Aida e de Massamá. Dois mil, da Maria Eugénia, todos os meses e da Maria José, para a Edite. O mesmo, de outro antigo Gaiato, em memória de Manuel Lourenço e Rosária; do Luís, da Helena, Alcídio, de Seia, de Tondela, do Álvaro e da Maria Amélia, de uma setubalense, de Castanhos, Fernando, Humbelina, Olívia, Manuel José, Maria José e Maria Silvéria.

Dois mil e quinhentos, do Alfredo, A. Rodrigues e de Febres. Três mil, de Joaquim, Fernando, José, dum General, dum Padre, Virginia Maria da Conceição, Rui, Maria Alice, uma catequista, Aldina, Luísa, Emília, Maria José e Júlia. Quatro contos, de Felisbela, Maria Aurora, Anabela, José Marques, da Rosa, de outro Gaiato antigo, do Carlos e da Joana.

Cinco, do Ivo, António, de uma Empresa, do Francisco, Ernesto, Maria do Céu, Maria Gonçalves, Margarida, Júlia, José, Maria Odete, Gertrudes, Maria da Conceição, Maria Emília, Manuel, uma setubalense, Maria de Lourdes, Henrique, Amélia, Maria da Graça, Amélia, Domingos, Maria Ema, de Monchique, João, Maria Júlia, Maria Augusta, Joaquim, Rogério e Luís.

M. M., do Porto, envia a mesma quantia e lembra a cruzada de há 30 anos em favor da construção de

uma casa para a família que vivia numa toca, citando o meu antigo convite: «Aflige-te. Age». Como sinto que o Espírito de Deus me impeliu! Como gozo que este impulso tenha arrastado outros!...

Nunca vi M. M., do Porto; mas estimo-a como se com ela vivesse há trinta anos!

A mesma quantia veio de Rosalina, de Odemira, Maria da Piedade, Josélia, Joaquim, Carolina, de Pombal, para a Edite, e de Portimão; de S. Martinho do Bispo, da Fernanda, da Maria do Carmo e do Manuel.

Seis, de Castelo Branco, da Anunciada, de Algueirão e do Idalécio. Sete, de Felicidade.

Dez contos: de duas amigas de Lagos, de uma Maria de Palmela, de Oeiras, de S. Martinho do Bispo, do Fundão, de Maria Assunção, Luísa, Madeira, Óscar, Maria Oliveira, em memória de Eduardo e Diamantino, Doroteia, Horácia, José Maria, Noémia; de Cascais, da Quinta do Anjo, de uma comunidade religiosa, do Álvaro, Samuel, Santana, Maria Odete.

Quinze: da Dolorosa, Eulália, Beatriz e Joaquim. Vinte: da Odete, do Rotary Club da Costa da Caparica, Belarmino, Margarida, Aniceto, de Santarém e de um Padre.

Vinte e cinco: de Adélia, João, Aydé, António, dos nossos Analistas, Ramiro, Isabel e Idalina.

Trinta: do Estoril, de S. Martinho do Bispo, Almada. Cinquenta: do Porto, de Manuela. Por uma graça de Santa Rita de Cassia, do António e família. De um amigo que também aparece na Páscoa. Cem, pelo marido, dum Engenheiro, poster vendido numa casa, de Corroios. Dum amigo que vem aqui animar a sua Fé, de Sintra. De um amigo que põe aqui as suas economias. Setenta, da Júlia. Cento e setenta e cinco, do José Fernando e família. Duzentos, do Luís Filipe.

Trabalhadores da Portucel, 132.920\$00; e da Empresa, 50.000\$00. Do Centro Regional 53.223\$00. Da Junta Autónoma do Porto, 11.200\$00.

A onda de solidariedade que mobilizou tantos trabalhadores de uma série de empresas, esbateu-se contra os muros do desânimo e foi engrossar a do indiferentismo. Basta que dois ou três se levantem e organizem a campanha. Os outros dão com alegria.

Na Space, na Secil e noutros locais de trabalho as coisas morreram porque os organizadores se reformaram.

No Altar de Deus, que tudo abarca com largueza, ponho a generosidade e o sacrifício de quantos são nossos, por estas vias, implorando para todos maior felicidade no Ano Novo.

Padre Acílio

AQUI, LISBOA!

«Não pode girar em esferas esta Obra viva de rapazes livres. Só um desgaste permanente e silencioso é capaz de a segurar; por isso mesmo eu quis que o Altar da nossa Capela seja uma pedra nua e gahenta.» (Pai Américo)

Nós temos necessidade de continuadores, padres e leigos dedicados ao serviço daqueles que recebemos nas nossas Casas, desde os Doentes incuráveis aos Rapazes. Quem quiser servir, porém, tem de mergulhar totalmente na vida das Comunidades, deixando-se comer, passe a expressão, pelos problemas de cada um, sem limites ou reservas. Em suma: «perder a vida para a ganhar».

Nestes tempos de consumismo desenfreado, em que só parecem ter sentido os cifrões e os índices económicos, não é fácil o desprendimento e o sentido dos Outros, a exigirem «um desgaste permanente e silencioso». O materialismo reinante não se coaduna com os valores do espírito, mau grado as palavras bem sonantes de muitos — que de boas intenções está o inferno cheio.

No dia-a-dia dum Casa do Gaiato há fluxos e refluxos de todas as índoles e feitios. As marcas profundas de que todos são portadores nem sempre são fáceis de superar. O índice médio mental das Comunidades é, infelizmente, baixo, o que dificulta toda a acção educativa. O aproveitamento escolar pode-se considerar fraco, o que também não espanta. Os hábitos de trabalho custam a enraizar-se, porque a tendência é o de pouco ou nada fazer. Os exemplos vindos de fora, da tecitura social envolvente, pouco ajudam — quando não estorvam.

Acidentes variados, desde braços ou pernas partidas, geralmente na bola, são correntes. Ainda há pouco, o mais pequenino de todos nós, com três anitos, partiu uma perna na brincadeira com outro da mesma igualha. Cabeças partidas, por quedas ou pedradas «sem querer», são o pão-nosso-de-cada-dia...

Há meses, fugiu um dos nossos, com 18 anos, para, depois, algum tempo, se lhe seguir o outro irmão também aqui presente. Seriamente afectados nas suas capacidades intelectuais e físicas, foram abandonados pelos pais; ele extremamente alcoólico e ela uma mulher amente, que já teve meia dúzia ou mais de companheiros. Os nossos Amigos calcularão os nossos sofrimentos e ansiedades.

No dia em que escrevemos, um moço de 10 anos tirou o porta-moedas à cozinha e escondeu-o; ele que, com um irmão um

pouco mais velho, são duas simpáticas crianças, dificilmente diz uma verdade. Como eles, muitos pequenos nos causam trabalhos e conselhas deste tipo e outros.

Claro está que nem tudo se processa na mesma linha. Ao lado de dissabores e de tristezas, há motivos de satisfação e de alegria. O que é preciso é não desanimar. E, ainda há pouco tempo, tendo em vista um número elevado de homens feitos, com famílias constituídas, tivemos o prazer de constatar que valeram a pena os sacrifícios havidos e os combates travados. Louvado seja Deus!

Formar homens é uma tarefa árdua e difícil. Que o digam as famílias que nos lêem. Que admira, pois, que as coisas em nossas Casas não rolem sobre «esferas»? Nós somos uns pobres obreiros, sem capacidade nem méritos para trabalhar a matéria-prima *sui-generis* que chega às nossas mãos. Os sábios e mais favorecidos não aparecem, apesar da sua loquacidade gritante, que os mais pobres só encontram pela frente outros da mesma igualha para lhes estender as mãos.

Quis Pai Américo que a pedra do Altar fosse «uma pedra nua e gahenta». Vai ser assim a da nossa Capela, para ali depormos as nossas fraquezas e misérias e nela encontrarmos forças e coragem para, como timoneiros desta barca, fazermos o melhor que pudermos em prole da tripulação embarcada. Deus não nos desampará, é a nossa certeza; Ele é q penhor do sucesso. Que outros — padres, senhoras — tenham a coragem de se desprender das peias e atracções do mundo, para nos ajudarem nesta tarefa apaixonante de servir os mais fracos e necessitados.

CAPELA — Segue o seu curso. Os contributos para os objectos sagrados e, não só, têm o aroma do divino. Não há palavras que possam traduzir as epopeias de muitos, que nos fazem sentir pequeninos e quase desprezíveis. Como intermediários que somos, porém, damos graças a Deus por tanta beleza e desmedida generosidade, ainda possíveis neste gélido planeta.

Padre Luiz

CALVÁRIO

• Ainda nesta «quenturazinha» do Natal: Foi há quinze anos. Depois do almoço na nossa Casa do Gaiato de Malanje, partimos para visitar os leprosos de Dange-ya-Menha, a 250 km, e lá celebrámos a Eucaristia. Levámos roupas, alimentos e o presépio que arrumámos num instante com pedras e raminhos.

Foi uma explosão de alegria! Cânticos e cânticos!

A aldeia fica no sopé duma montanha. Até esta, em uníssono — com a brisa da floresta, o canto dos pássaros e mil sons indefinidos — acompanhou os cantares de alegria.

— Como, Senhor, se eles estão doentes?!

— Eu me comprazo na abundância que trasvaza dos seus corações... — ouvi num murmúrio!

• Foi um pouco assim o nosso Natal, no Calvário: Cantámos, batemos palmas como crianças contentes, fizemos jogos de roda de volta da mesa repleta de bolos e rabanadas douradas e delirámos ao desembulhar as prendas (muito simples, embora).

Tão felizes! E tão longe dum mundo enredado e preocupado com as quitandas do «eu» e do «meu».

• O Natal passou! Uma terna sensação permanece em nossos corações! Que bom se o Natal ficasse sempre connosco!

Já no fim do ano falei aos nossos doentes e nossos rapazes no dever da gratidão. A Deus, primeiro, por tudo o que nos dá; e a todos os Amigos que nos enviaram ajudas, roupas e tantos mimos.

Um Natal permanente para todos.

Padre Telmo



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Dezembro: 71.150 exemplares.